

A DIMENSÃO DAS RELAÇÕES DE OBJETO SEGUNDO A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DO EGO: UM ESTUDO EVOLUTIVO*

Ida Ioschpe Gus**, Porto Alegre.

O objetivo do presente trabalho é revisar o enfoque das relações de objeto, segundo a perspectiva da Psicologia do Ego, tendo como meta uma integração das formulações de Jacobson e Mahler, que contribuíram tão significativamente para a elaboração de uma psicologia psicanalítica do desenvolvimento infantil.

Introdução

Na concepção psicanalítica de Freud é possível abstrair um modelo estrutural - pulsional, conforme Greenberg e Mitchell (1994), em que a motivação é compreendida a partir de processos internos, as pulsões e suas vicissitudes, sendo os objetos vistos como alvos, facilitadores ou inibidores das demandas pulsionais e, por isso mesmo, ocupando um papel secundário no sistema, porque a qualidade do relacionamento deriva do elemento pulsional.

O aparelho psíquico se origina dos processos pulsionais, organizado sob o princípio do prazer, apenas à medida que a pulsão pressiona para a descarga. Esse ponto de vista estimulou a teorização do sistema inconsciente, colocando a consciência como um entre vários órgãos da percepção, tendo um papel explicativo limitado e sendo a realidade pouco valorizada.

Com a elaboração do modelo estrutural, novos problemas surgiram quanto ao relacionamento do sujeito com a realidade, passando o ego a possuir um papel maior na totalidade da economia psíquica. Como o ego é a parte do aparelho mental em contato com o exterior, Freud passou a enfatizar sua força, ao mesmo tempo que ampliava o espaço da realidade em sua teorização. O ego ganhava expressão frente aos poderes do id.

Nos últimos anos de Freud, a psicanálise clássica prosseguiu nesta linha de pensamento, ratificando o papel fortalecido do ego, originando-se o trabalho de Heinz Hartmann dentro deste contexto, com a preocupação de conceder à realidade uma expressão mais significativa, sendo que muitas das modificações e adendos incluídos por ele à teoria acentuam o papel da realidade e de seu porta-voz, o ego, na determinação da motivação humana. Não obstante, ele permanece inteiramente comprometido com o modelo pulsional.

Hartmann concebe o desenvolvimento psicológico como um problema de evolução e adaptação, interessado em aprofundar o conhecimento dos mecanismos que levam o homem a sobreviver em seu meio ambiente. Ao delinear as relações do sujeito com a realidade, amplia a perspectiva que vai permitir a teóricos posteriores incluir o papel motivacional dos relacionamentos objetivos.

Ao considerar o impacto das relações objetivos no desenvolvimento do ego, seu trabalho descreve algumas influências dos primeiros objetos, ainda que não de modo direto ou inequívoco, mas mediado por seu efeito no ego e contrabalançado por processos biológicos de maturação, à medida que afetam tanto o ego quanto a pulsão.

Adotando tal direção, constrói um modelo de acomodação teórica que permite incluir e desenvolver a dimensão das relações objetivos dentro do escopo da Psicologia do Ego.

Tanto Mahler como Jacobson assentam suas bases de trabalho nas contribuições metapsicológicas de Hartmann, Kris e Loewenstein.

Jacobson parte da observação clínica e tem como estratégia teórica focar sua atenção na experiência do self em seu meio ambiente, abstraindo um mundo representacional a partir de premissas psicofisiológicas, buscando colocar a vertente econômica em maior sintonia com as vicissitudes das relações objetivos.

Mahler, através da pesquisa observacional do comportamento de duplas mãe - bebê, orientada segundo princípios psicanalíticos, detecta uma seqüência de fases na estruturação evolutiva do psiquismo infantil, interpretando-as à luz das formulações de Jacobson, o que configura uma interfertilização das hipóteses evolutivas de ambas.

O objetivo do presente trabalho é revisar o enfoque das relações de objeto segundo a perspectiva da Psicologia do Ego, tendo como meta uma integração das formulações de Jacobson e Mahler.

Desenvolvimento

Mahler destaca que o nascimento psicológico da criança não coincide, no tempo, com o seu nascimento biológico, mas acontece a partir de um lento processo intrapsíquico, denominado por ela de processo de separação - individuação, cujos vértices implicam as experiências do próprio corpo do sujeito e o principal representante do mundo, como a criança o experimenta, a mãe (Mahler, 1977).

Seu pensamento está assentado no conceito de adaptação de Hartmann, que se refere à capacidade do bebê para adaptar-se ao "meio ambiente expectável médio", representado pela mãe e suas necessidades maternas que interagem com as necessidades do bebê, de modo que este é moldado e desabrocha na matriz da unidade dual mãe - bebê (Hartmann, 1968).

Outro ângulo de análise da teoria mahleriana focaliza a centralidade do conceito de relações de objeto, referindo-se a pessoas reais ou imagens mentais com as quais o bebê interage na qualidade de destinatárias das pulsões. O termo objeto foi definido por Freud como sendo "algo através do qual uma pulsão instintiva é capaz de atingir seu objetivo, embora ele tenha usado o termo de modo indiscriminado para significar: (1) uma pessoa ou coisa física, tangível e real, distinta do sujeito; (2) a imagem mental de alguma outra pessoa ou coisa um conceito experiencial; e (3) uma síntese mental teórica que implica certa estrutura

organizacional duradoura [...]. A expressão relação objetal indica os fenômenos psicológicos relacionados às representações dos objetos dentro da mente" (Moore e Fine, 1992, p. 139).

O trabalho de Mahler se propõe a mostrar o desenvolvimento da relação objetal desde o narcisismo primário e simbiótico, como se modifica em função da separação - individuação e como se constitui o narcisismo secundário, assim como o decorrente funcionamento do ego a partir da relação narcisista e, mais tarde objetal, com a mãe.

Para isso, descreve uma seqüência de fases evolutivas distintas que constituem o processo separação - individuação, sendo que a primeira se denomina AUTISMO NORMAL. Esta se estende do nascimento à quarta semana, na qual o bebê vive um estágio de narcisismo primário absoluto, sem consciência do agente materno, com a predominância de fatores fisiológicos e de um estado de sonolência para alcançar um equilíbrio homeostático do organismo, através da satisfação alucinatória do desejo, que permite ao bebê uma noção ilusória de auto-suficiência.

O bebê nasce equipado com uma autonomia primária que, conforme Hartmann. (1968), baseia-se na existência de aparelhos inatos do ego, constituídos por atividades como a memória, percepção, motricidade, e que não guardam relação direta com as pulsões, mas que se colocam a serviço do ego e atuam no processo adaptativo. Como Hartmann, Mahler concebe o bebê como um ser animado por pulsões e com esboços de funções egóicas, inicialmente indiferenciadas, que formarão estruturas autônomas facilitadoras do processo de adaptação.

Dois elementos são essenciais para que o bebê saia desta etapa anobjetal: a sua capacidade inata de perceber e aceitar os cuidados maternos, ainda que sem diferenciá-los de suas próprias percepções internas; sendo o segundo elemento a maternagem exercida pela mãe que, ao proporcionar os cuidados do bebê, permite que cargas libidinais investidas em seu próprio corpo desloquem-se para a periferia, libidinizando os órgãos dos sentidos que se tornam elos de relação com o meio.

Diferente de Mahler, que segue estritamente Freud, Jacobson (1969) considera ambíguas as formulações de Freud do narcisismo e masoquismo primários, que supõem a presença simultânea de pulsões libidinosas e agressivas dirigidas para dentro do organismo, postulação que se constitui na base da concepção da pulsão de morte.

Sua contribuição para elucidar as questões do início da vida instintiva amplia o conceito hartmanniano de uma matriz indiferenciada, a partir da qual se diferenciam o ego e o id, propondo ainda uma hipótese de um estado indiferenciado de energia pulsional contido numa matriz psicossomática, denominada "self psicofisiológico primário". No estado fetal e logo após o nascimento, tal energia se descarrega silenciosamente em pequenas quantidades para o interior do organismo, transformando-se mais tarde em dois tipos de impulsos com qualidades diferentes, sob a influência dos estímulos externos, do desenvolvimento psíquico e da abertura e maturação de vias de descarga.

Outro aspecto particular de seu pensamento é a discriminação dos construtos ego, self e representações do self. O ego é entendido como um sistema mental estrutural; o self, termo introduzido por Hartmann, designa a pessoa total de um indivíduo, incluindo o corpo e a organização psíquica, e que significa a pessoa como algo distinto do mundo de objetos circundantes; e as representações do self, isto é, as representações endopsíquicas conscientes, pré-conscientes e inconscientes do self mental e corporal no sistema egóico. Ao usar o termo representações, ela distingue o self e o objeto enquanto experiência, do self e do objeto enquanto realidade, buscando uma precisão de termos que clareie a distinção entre objetos externos e suas representações endopsíquicas.

Hartmann, citado por Mahler, explica que, "por meio da faculdade perceptiva autônoma e congênita do ego primitivo, ocorre o depósito de traços de memória de duas qualidades primordiais de estímulos" (Mahler, 1977, p. 62). Os estímulos prazerosos e os desprazerosos vão formando "ilhas de memória" no ego primitivo, ainda que sob o primado da indiferenciação interior - exterior.

Começa a se instalar a segunda fase, chamada de SIMBIOSE NORMAL, que se estende do primeiro ao quarto ou quinto mês, e cuja principal aquisição psicológica se constitui na catexização do mundo externo, em especial à pessoa da mãe, com o rompimento do escudo autístico.

A relação fusional somatopsíquica alucinatória ou delirante do bebê com a mãe, vivenciada como parte de si mesmo, permite a percepção de estímulos prazerosos e desprazerosos que vão demarcando seu ego corporal.

A primeira estrutura psíquica é uma representação fundida de self - objeto, que gradualmente evolui sob o impacto do relacionamento mãe - filho. Os traços de memória relacionados com o prazer ligam-se à percepção dos cuidados da mãe, enquanto os desprazerosos são projetados para fora da unidade simbiótica, a fim de protegê-la e permitir o desenvolvimento de níveis mais elaborados de relações objetais. Assim, ocorre um processo de divisão que mantém o objeto bom separado do mau, garantindo a própria segurança do ego.

Jacobson sugere que, sob a influência de fatores intrínsecos e de estímulos externos, a energia começa a se transformarem impulsos psíquicos diferenciados libidinosos e agressivos. Estes sobrecarregam periodicamente as zonas pré-genitais, os sistemas perceptivos e motor, "núcleo central autônomo primário" do futuro ego. Iniciam-se nesta fase os processos de descarga ao exterior, observáveis na atividade pré-genital e em reações motoras reflexas instintivas e afetomotoras primitivas, biologicamente pré-modeladas, reconhecíveis como os precursores do sentimento, pensamento e das funções motoras do ego, entre outras (Blanck e Blanck, 1983).

A capacidade de reter o objeto suficientemente bom de sua mãe simbiótica se constitui num dos organizadores do nascimento psicológico do bebê, que vai construindo uma consciência do "objeto satisfatório da necessidade", através de um tipo de percepção gúestáltica representado pelo seio, rosto e mãos da mãe.

Jacobson amplia o conceito de fase oral, não o limitando às experiências de alimentação, mas incluindo o impacto do relacionamento do bebê com a mãe inteira, realçando a importância da experiência oral - visual, incluindo uma gama de sensações táteis, cinestésicas e de turgor. Mostra que o equilíbrio psicofisiológico do bebê depende da qualidade do vínculo simbiótico com a mãe, no que concorda com Mahler quanto à importância da sintonia dos padrões de carga pulsional do bebê e da mãe.

As imagens do self e do objeto se constroem a partir de experiências libidinalmente estimulantes, armazenadas nos traços de memória, embora o bebê não tenha condições maturativas de perceber a fonte de experiências, não tomando consciência nem

da mãe, nem de seu próprio self, mas já registra engramas das experiências que refletem suas respostas ao cuidado materno em seu self total, mental e corporal.

A fusão self - objeto é sentida como algo agradável, um sentimento oceânico, servindo de base para futuras identificações e relações objetais. Jacobson enfatiza o caráter empático desse estado fusional que resulta no estabelecimento de "identificações afetivas primordiais", mágicas, baseadas em mecanismos primitivos de introjeção e projeção, independentemente das diferenças realistas entre self e objeto.

Nesse estágio ocorrem contínuos investimentos de libido e agressividade, ora no self, ora no objeto, num intercâmbio fluido devido às débeis fronteiras entre eles. A mãe contagia o bebê com sua expressão afetiva que começa a ser capaz de alguns movimentos imitativos para manter a fusão simbiótica.

"Estas imitações são, no começo, só precursoras de verdadeiras identificações do ego - tal como suas incipientes formações reativas são as precursoras da formação do superego" (Jacobson, 1969, p. 56).

A partir do quinto mês inicia-se a terceira fase, denominada por Mahler de SEPARAÇÃO - INDIVIDUAÇÃO, que se divide em quatro subfases, devido aos complexos processos psicológicos implicados, configurando diferentes modalidades de vínculo objetal.

"A separação consiste na saída da criança da fusão simbiótica com a mãe [...], e a individuação consiste nas aquisições que marcam o momento em que a criança assume suas próprias características individuais. Trata-se de processos de desenvolvimento entrelaçados, mas não idênticos" (Mahler, 1977, p. 17).

A evolução da autonomia intrapsíquica pelas aquisições da percepção, memória, cognição e prova da realidade, constituem o cerne do processo de individuação, enquanto todo o desenrolar da diferenciação, distanciamento, da formação de limites e da vivência interna desvinculada da mãe, assim como as demais aquisições intrapsíquicas evolutivas, resultam do processo de separação.

A primeira subfase - a diferenciação - se estende do quinto ao oitavo mês, tendo como pré-requisito a familiarização do bebê com a metade materna de seu self simbiótico, indicado por seu sorriso em resposta ao da mãe, demonstrando o estabelecimento de um elo entre os dois e o investimento da imagem da mãe como um objeto libidinal.

Mahler observou um "processo de desabrochamento" que corresponde a uma evolução sensorial, que permite ao bebê, que antes se moldava à mãe, um incremento da exploração tátil do rosto dela e de objetos a ela relacionados (óculos, brincos, etc.).

Essa exploração evidencia o desenvolvimento cognitivo - emocional dessa etapa, com vistas à diferenciação somatopsíquica e à comparação da mãe com outros, não familiares, dentro de um padrão de confrontação. Surgem reações de angústia diante de estranhos e uma maior consciência da mãe como pessoa especial.

Jacobson entende que o ego surge a partir da descoberta do mundo objetal e da crescente discriminação entre este e o próprio self. As imagens dos objetos amorosos e do self corporal e psíquico emergem dos traços de memória sempre crescente das experiências pulsionais, emocionais, funcionais e ideacionais agradáveis ou desagradáveis, e das percepções com que elas ficam associadas. "Vagas e variáveis no começo, gradualmente se expandem e se desenvolvem em representações endopsíquicas, mais ou menos consistentes, do mundo objetal" (Jacobson, 1969, p. 32).

Com a progressiva diferenciação do self e dos objetos, ela acredita que as suas representações internas fiquem investidas de libido e agressividade, adquirindo o 'status' de objeto para fins da descarga da pulsão. Desse modo, Jacobson, diferentemente de Mahler, descaracteriza o narcisismo secundário, segundo a formulação de Freud, enfatizando que não é o ego o alvo das pulsões, mas a representação mental do self, constituída na formação do ego, que é investido com libido e agressão, e se transforma em objeto interno de amor e ódio.

Dos oito aos quinze meses, desenvolve-se a subfase do treinamento, caracterizada pela intensa libidinização das funções motoras, e que supõe a diferenciação corporal da mãe, o estabelecimento de um vínculo com ela e o amadurecimento dos aparatos autônomos do ego em proximidade com a mãe. Ocorre um processo de estruturalização que culmina nas representações intrapsíquicas do self e do objeto.

No treinamento inicial, o bebê demonstra um comportamento mais ativo ao se distanciar ou se aproximar da mãe, assim como ao explorar o ambiente, engatinhando.

Jacobson salienta que, pelo oitavo mês, o bebê torna-se capaz de reconhecer as pessoas próximas e discriminá-las, estabelecendo-se, primeiro, a capacidade de discriminar objetos e, só depois, a capacidade de discriminar entre o self e o objeto. A criança precisa fundir-se mais com a mãe do que com outros objetos, o que determina uma identificação em seu processo de diferenciação entre o self e a mãe. Por outro lado, a percepção do mundo externo é mais fácil do que a do self.

Mahler destaca que a reação da mãe frente à maior autonomia da criança e à capacidade desta de libidinizar as suas atividades motoras permitem que atinja a etapa seguinte, nomeada de treinamento propriamente dito, na qual a locomoção na posição ereta representa um enorme avanço em direção à individuação.

Dos 10 ou 12 meses, aos 16, 18 meses, o "toddler", termo que significa "criança que está aprendendo a andar, cambaleante" (Mahler, 1977, p. 10), coloca o máximo de seu investimento libidinoso a serviço do seu ego autônomo, incrementando o seu narcisismo ao explorar o mundo, embevecido com sua própria onipotência. O ato de andar promove um acentuado aumento da descoberta da realidade e a capacidade de testá-la sob o controle mágico da criança.

Ao final do primeiro ano ocorre um "caso de amor com o mundo", na expressão de Greenacre (Greenacre, 1957, apud Mahler, 1977), havendo um incremento da exploração do ambiente pela criança, alternado com uma necessidade de voltar para a mãe a fim de obter reabastecimento. É uma época de intensa satisfação com o próprio desenvolvimento, e a criança também experimenta frustração, ambição, possessividade, inveja, rivalidade, desapontamento e fracasso. Jacobson considera a pulsão agressiva como elemento fundamental do desenvolvimento. "Não são só os componentes amorosos, mas também os hostis, dirigidos para o self e para o objeto, que fornecem o combustível que capacita a criança a desenvolver seu sentimento de identidade e a testar a realidade externa e interna e, nesta base, construir suas identificações e suas relações objetais"

(Jacobson, 1969, p. 74).

Períodos de humor exultante oscilam com momentos de percepção da ausência da mãe, que determinam uma baixa da atividade e um mergulhar dentro do self, com o objetivo de criar internamente a representação do objeto, buscando, a partir de dentro, uma situação de equilíbrio através do investimento pulsional tanto na representação do sujeito como do objeto nascente.

Neste momento, a criança se sente muito ameaçada pela perda do objeto de amor, encontrando grande prazer no jogo de esconde-esconde, ao fugir da mãe e reencontrá-la, ou ser por ela procurada, jogo simbólico que representa a perda e reconquista do objeto.

Dos 16 aos 24 meses, a criança atinge a subfase de reaproximação, já capacitada para a locomoção, a linguagem e o jogo simbólico, desabrochando para o nascimento psicológico propriamente dito, ao alcançar um primeiro nível de identidade através da consciência de ser uma entidade individual separada, nomeando-se com o pronome eu. Com o amadurecimento percepto-cognitivo, a criança percebe suas limitações, aumentando sua ansiedade de separação da mãe. Surge a ambivalência pelos desejos de se afastar dela, em função de suas aquisições motoras e, ao mesmo tempo, afloram as angústias e a necessidade de reaproximação.

Antes, fugir da mãe e persegui-la evidenciava tanto o desejo de se aproximar do objeto quanto o temor de ser incorporada por ele. Agora, a autonomia é defendida pelo não, pela agressão e negativismo característico da fase anal.

Mahler divide esta terceira subfase em três momentos: aproximação inicial, dos 15 aos 18 meses, em que se observa a fenomenologia típica da fase anal, com o aparecimento de impulsos hostis que se expressam através da voracidade, ciúme e inveja; da raiva específica dirigida a um objetivo; com o deslocamento da fonte de prazer da locomoção e exploração do mundo para a interação social, com o desejo de espelhar, imitar, identificar-se, agora não só com a mãe, mas com o pai também. Com a descoberta das diferenças anatômicas, cujo impacto representa um poderoso organizador psíquico, tanto para os meninos como para as meninas, a criança sofre um golpe em sua onipotência, precisando compartilhar com a mãe suas vivências, buscando nela afeto, aprovação, segurança.

Os impulsos invejosos e hostis resultantes das frustrações com a mãe são projetados, pela criança, em seus rivais, despertando o desejo de obter o que eles têm, a fim de se tornar como eles. A inveja e a rivalidade forçam uma precisão maior do self e dos outros. Ainda que a relação mãe - criança seja a matriz da formação da identidade, a individuação é promovida mais pela descoberta das diferenças e pela ambivalência em relação aos rivais. As identificações se tornam fortalecidas pelo equilíbrio próprio da libido e da agressividade (Jacobson, 1969).

A crise de reaproximação ocorre dos 18 aos 20 meses, devido ao crescente desenvolvimento que não permite mais à criança funcionar como uma unidade dual com a mãe, fazendo-a perceber seus objetos de amor como indivíduos separados. Esta situação gera uma crise que se expressa em brigas com a mãe, em função de uma autonomia crescente, que leva à insatisfação, insaciabilidade, oscilações de humor, acessos de raiva, choro e tristeza pelo desapontamento com a mãe e consigo mesma, que a levam a abandonar uma auto- imagem onipotente.

O conflito se estabelece entre o desejo de estar próximo e fundido com a mãe versus o temor de perder a autonomia (Mahler, 1982).

Há uma progressiva distinção entre a representação intrapsíquica do objeto e a do self pelo desenvolvimento percepto-cognitivo, o que faz a criança perceber o mundo de modo diferente e que contribui para a diferenciação entre o self e o mundo externo, determinando dois processos: (1) a refusão defensiva das representações do self e de objeto libidinalmente investidas como proteção contra experiências dolorosas, ou seja, a criança busca recuperar a fusão com a mãe onipotente perdida; e (2) a diferenciação das experiências dolorosas integradas nas representações de self e de objeto que são agressivamente investidas, para separar e negar interações frustrantes entre o self e a mãe (Kernberg, 1989). Em certo momento, Jacobson descreve o mundo intrapsíquico de relações objetais como núcleos de "boas" e "más" representações de self, e de "boas" e "más" representações de objeto.

Na tentativa de restabelecer o relacionamento simbiótico com a mãe, são acionados processos de clivagem, projeção e introjeção, sendo aquilo que é vivido como "mau" projetado na representação do self e do objeto, constituindo os precursores sádicos do superego.

A formação da terceira instância estrutural é incrementada pela incorporação do valor de limpeza. O treinamento esfinteriano torna o corpo mais investido, fazendo com que a criança desenvolva sua consciência de si, passando de receptor passivo a doador ativo. O sistema de valores começa a centrar-se em torno do controle da limpeza, não sendo exclusivamente organizado pelo prazer.

A criança tende a se identificar com a mãe, o pai e outros, configurando um nível mais alto de identificações reais do ego. O mecanismo de introjeção parcial possibilita "identificações seletivas", através das quais Jacobson explica uma conciliação entre a dependência e o desejo simbiótico, por um lado, e o funcionamento do ego agressivo e independente, por outro. Ocorre a introjeção das características admiradas do objeto nas imagens do self desejáveis pela criança.

O amor dos pais, combinado com níveis toleráveis de frustrações e proibições, promove o investimento libidinal estável e fortalecedor das representações internas do self e do objeto, conduzindo à formação e independência do ego e superego normais. O abandono das expectativas mágicas narcisistas, bem como a percepção dos pais como não onipotentes, através do teste de realidade, gera o desapontamento que é substituído pela idealização. As imagens idealizadas do self e do objeto gradualmente se transformam no ideal do ego, estruturando-se como uma concepção abstrata de ser humano com quem a criança desejaria se parecer. Apesar de se constituir numa meta inalcançável, o ideal de ego exerce grande influência sobre a conduta real, representando metas e objetivos para o ego, lastrados nos valores e ideais, e exercendo as funções de guia, autocrítica e reforço do superego.

Na descrição de Mahler (1982), por esta época reaviva-se a preocupação da criança quanto ao paradeiro da mãe, com ansiedade frente ao abandono, assim como reações depressivas diante de sua ausência, originando o uso de certos objetos como um auxílio para enfrentar o afastamento da mãe. Tais objetos transicionais são carregados de afeto pela criança, significando a presença da mãe na ausência.

Dos 20 aos 24 meses, a criança vivencia a etapa de reconciliação, erigindo padrões individuais para estabelecer uma distância ideal da mãe.

O desejo de permanecer parte de seus objetos amorosos decai, sendo substituído pelo desejo de ser como eles. Diminui o controle onipotente e das ansiedades de separação, de modo que a criança passa a suportar melhor a falta da mãe.

O desenvolvimento maturacional emprega a energia agressiva neutralizada para iniciativas progressistas, havendo maior capacidade comunicacional pela linguagem, nomeando os objetos e expressando desejos. O reconhecimento de si mesmo, ao se identificar em fotos, demonstra a noção de identidade emergente. A expressão de fantasias através do jogo simbólico facilita a elaboração de ansiedades.

Mahler destaca que a percepção da diferença anatômica entre os sexos contribui para o estabelecimento de uma identidade de gênero, influenciando nos caminhos da resolução do complexo edípico em meninos e meninas.

O menino descobre o pênis mais cedo, pela posição ereta que facilita a exploração visual e tátil, libidinizando esta região que produz prazer e despertando a ansiedade de castração. Jacobson (1969) entende que o superego do menino é construído desde as primeiras identificações maternas, acrescido pelas identificações da força e poder do pai, valores internalizados na fase anal. Diante do conflito edípico, dirige suas fantasias de crueldade e desejo de castração contra o pai, o que lhe desperta o temor da retaliação, pressionando-o à renúncia dos desejos incestuosos. Essa autora questiona a posição de Freud de considerar a ameaça de castração como uma força no sentido da resolução do conflito, considerando que a figura internalizada de um pai bom tem um caráter protetor, sendo as próprias fantasias agressivas do menino que despertam-lhe a ansiedade de castração. Para ela, a renúncia dos desejos incestuosos é determinada pela idealização que se cristaliza no ideal do ego, guiando o desenvolvimento no sentido da busca de outros objetos de amor, que não os primários.

Jacobson igualmente assume uma posição crítica quanto às idéias de Freud sobre o desenvolvimento do psiquismo feminino, questionando seu pensamento de que o superego da mulher não é tão forte, considerando algumas idéias errôneas de Freud como derivadas de sua crença na ansiedade de castração como motivação para o desenvolvimento. "Jacobson resgata a teoria freudiana de um de seus mais palpitantes erros, em primeiro lugar mostrando que o amor, e não o temor, apóia o desenvolvimento de ambos os sexos; em segundo lugar, descrevendo o desenvolvimento do superego da menina" (Blanck e Blanck, 1983, p. 71/72).

Segundo ela, a menina se recupera com mais dificuldade que o menino do impacto do reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, percebendo-se como portadora de um órgão masculino danificado. Consequentemente, recorre à masturbação carregada de agressão pela ansiedade, raiva e inveja do pênis, desvalorizando o self e o objeto materno, recorrendo à negação e deslocando a libido narcisista por todo o corpo para compensar a falta de pênis. Em seu lugar, estabelece um ideal de ego a partir do sistema de valor erigido na fase anal, que corresponde a uma imagem não agressiva, assexuada e limpa, constituindo o objetivo narcisístico feminino da atração física. A desvalorização da mãe faz com que se volte para o pai como um objeto de amor, estabelecendo sua heterossexualidade.

Mahler descreve a quarta subfase do processo de separação - individuação como o início da consolidação da individualidade e início da obtenção da constância do objeto emocional, o que ocorre entre os 24 e 36 meses. Este último estágio pressupõe a possibilidade de a criança substituir a presença da mãe por uma imagem interna na qual possa confiar, ainda que suportando certo nível de ansiedade.

Através do desdobramento de funções cognitivas complexas, que envolvem a comunicação verbal, fantasia e teste de realidade, e que proporcionam a aquisição cognitiva do objeto permanente, desenvolve-se uma noção dos limites do self e da identidade de gênero, ainda que primitiva.

Os determinantes prévios da constância objetual são a confiança e a segurança pelo alívio da tensão pulsional atribuído à mãe, percebida como objeto total, internalizada numa representação intrapsíquica. Diferentes fatores internos compõem um complexo processo que envolve: predisposição pulsional inata, desenvolvimento maturativo, neutralização da energia, teste de realidade, tolerância à frustração e à ansiedade - interagindo com a resposta afetiva que o ambiente oferece, compondo um intrincado e multideterminado caminho evolutivo.

A internalização gradual de uma imagem interior positivamente catexizada e constante da mãe supõe a unificação do objeto "bom" e "mau", promove a fusão das pulsões agressivas e libidinosas, moderando o ódio do objeto, permitindo um funcionamento mais estável da criança, apesar de certo grau de tensão, tolerando melhor as frustrações e podendo adiar as satisfações (Mahler, 1977).

As relações objetais se desenvolvem em contraponto com a aquisição da identidade, mas a libido deve prevalecer sobre a agressão para que se possa construir a catexia libidinal das imagens do self (narcisismo), fortalecer a auto-estima e formar um conceito unificado de self, através das funções sintéticas do ego.

As identificações seletivas, conforme Jacobson, transformam-se em aspectos duradouros e consistentes do ego, modificando-o permanentemente, embora um sentimento de continuidade de si mesmo em meio a contínuas mudanças dê à criança a sensação de um self coerente e contínuo. Para isso, é preciso haver uma discriminação entre as desejáveis imagens do self (ideal do ego) e as reais representações do self. As primeiras orientam as potencialidades, considerando o futuro, enquanto as segundas, de caráter realista, retêm a continuidade do passado e do presente.

A identidade sexual é um componente significativo da identidade pessoal, não decorrendo exclusivamente das comparações genitais, uma vez que a curiosidade abarca o comportamento sexual dos outros, do ponto de vista físico e mental. A descoberta e a aceitação da diferença anatômica fortalece a renúncia dos desejos simbióticos, visto que predominam os impulsos edípicos e heterossexuais, induzindo a identificação com o rival, através da qual as forças libidinais retiradas das zonas erógenas são canalizadas para fortalecer a construção das representações do self e a expansão das funções do ego. Nesse sentido, Jacobson reformula e atualiza o conceito de sublimação pelo qual se obtém energia para a estruturação funcional do aparelho psíquico. "As sublimações, realçadas por formações reativas, deslocam a energia psíquica de metas instintuais para outros interesses" (Jacobson, 1969, p. 122).

Embora concordando com Freud na concepção do superego como um herdeiro do conflito edípico, Jacobson equaciona os processos de desenvolvimento dos quais resulta o superego a partir da dialética das identificações do ego e do superego,

concluindo que, tanto no menino como na menina, o abandono dos desejos incestuosos, matricidas e parricidas envolve mais afeição do que temor do genitor do mesmo sexo.

O medo da perda do objeto de amor induz à internalização das regras e exigências parentais. Jacobson faz um estudo minucioso da formação do superego, apoiando-se no conceito de internalização, definido por Hartmann, Kris e Loewenstein (1962) como o processo em que as regulações que ocorrem na interação com o mundo externo são substituídas por regulações internas. O superego se constitui na unidade funcional que controla o comportamento segundo princípios morais internalizados. É a última instância a se formar, impulsionando o desenvolvimento pela liberação de grandes cargas energéticas a partir dos impulsos sexuais, agressivos e narcisistas, que são inibidos em seus fins, proporcionando o fortalecimento do ego e do superego.

A constituição do superego está baseada nas identificações específicas construídas por meio de formações reativas pré-genitais, através das quais a agressão é voltada do objeto para o self, alterando as atitudes para com o self e o mundo objetal. Inicialmente, tanto as identificações do ego como do superego derivam-se das identificações maternas. Com o tempo, essas identificações se mesclam com as que tomam o pai fálico como modelo.

Jacobson enfatiza a importância das influências parentais na estruturação da personalidade através da estimulação ao crescimento do ego e do apoio ao controle, a inibição parcial, fusão parcial, neutralização e utilização dos impulsos agressivos e sexuais a serviço do funcionamento do ego e do processo secundário. Ela destaca a influência do mundo externo no desenvolvimento psicosssexual da criança e na maturação dos sentimentos, pensamentos, ações, e do sentido da realidade, promovendo o estabelecimento das relações sociais e de sólidas identificações com os objetos amorosos no ego e no superego.

Em condições favoráveis, ocorre uma mútua atenuação dos antigos precursores sádicos e dos precursores idealizados do superego, assim como no ego ocorrem processos evolutivos de integração das relações de objeto "boas" e "más", de modo a oportunizar a internalização de uma terceira camada de determinantes do superego, a partir dos aspectos realistas, exigentes e proibitivos dos pais que caracterizam os estágios posteriores e o encerramento do complexo de Édipo, finalizando a constituição do superego como estrutura integrada (Kernberg, 1989).

Desse modo, Jacobson sugere que o motivo da formação do superego não se deve somente à incorporação das proibições paternas, mas que, contendo as identificações com a mãe, o superego resultante não apresenta apenas um caráter matizado de agressão, consistindo também de identificações libidinalmente investidas. Com tal posicionamento, esta autora modifica a teoria da formação do superego, incluindo aspectos benignos e amorosos na relação com ambos os pais, e que também leva a uma revisão da teoria do complexo de Édipo.

Jacobson enfatiza a capacidade de manter a identidade como uma das funções reguladoras do superego, que estabelece um equilíbrio estável, regulando as proporções de energia libidinal, agressiva e neutralizada, além de regular a auto-estima ao conservar a harmonia entre os códigos morais e as manifestações do ego. O superego também governa os estados de humor do ego, assim como controla a organização defensiva, função que tradicionalmente era atribuída ao ego.

Esta fase tem seu final em aberto, uma vez que as duas estruturas internas que aqui se constituem - a constância do objeto libidinal e a imagem do self unificada, fundadas em verdadeiras identificações do ego - representam um processo em contínuo desenvolvimento. "A formação de um sistema superegógico se prepara, durante o período pré-edípico, com o desenvolvimento das primeiras formações reativas. Com efeito, as drásticas mudanças nas catexias das representações objetais e do self ocorrem, primeiro, pelo freio das tendências pré-genitais e sádicas; depois, pelo temor da castração e, finalmente, pela formação do superego" (Jacobson, 1969, p. 108).

O começo da latência e a formação do superego consolidam a integração de todas as formações contracatóticas pré-edípicas e edípicas numa unidade organizada, com o desenvolvimento de uma organização de defesa consistente e de uma configuração de representações do self e do mundo objetal definida e duradoura. Através de processos de despersonalização, abstração e individualização, a terceira estrutura psíquica regula a auto-estima através de afetos e exigências cognitivamente diferenciados. O sucesso na integração do superego e a conseqüente reconfirmação da identidade do ego armam uma estrutura interna compatível com a normalidade ou a psicopatologia neurótica.

Conclusão

A teoria de Jacobson, alicerçada em conceitos metapsicológicos e experienciais, guarda ainda estreita relação com o modelo estrutural-pulsional, conforme definido por Greenberg e Mitchell (1994), pois considera o "self" e o "mundo objetal" como derivados da pulsão inata, ainda que coloque ênfase no aspecto fenomenológico do desenvolvimento, dando força, portanto, ao elemento relacional na formação do psiquismo.

Sua reelaboração de alguns princípios psicanalíticos indica uma releitura da obra de Freud. Especialmente sua revisão da teoria da energia psíquica, sua ampliação do conceito de oralidade, a influência da mãe no crescimento infantil, assim como sua particular maneira de conceber o modelo estrutural tripartido, deslocando do ego para a representação do self e do objeto o foco das suas formulações evolutivas, demonstram o caráter revisionista de seu trabalho. Mantém, no entanto, seu vínculo com a tradição psicanalítica clássica por sua concordância com a concepção pulsional pré-ordenada biologicamente e transformada maturacionalmente.

Sua visão fenomenológica, combinada e suplementada pelas observações de Mahler do desenvolvimento infantil, destaca-se como uma contribuição singular para a integração das relações objetais internalizadas com a teoria estrutural, ampliando o trabalho de Hartmann, Kris e Loewenstein.

Na opinião de Kernberg (1989), Jacobson projeta um arcabouço teórico abrangente das relações de objeto que vincula o desenvolvimento pulsional e os mecanismos de defesa antigos na formação da estrutura do aparelho psíquico, proporcionando assim uma teoria evolutiva para a psicanálise. Sua estreita colaboração com Mahler proporcionou a esta um quadro de referência consistente para o seu estudo do processo de separação-individuação, enquanto as descobertas observacionais de Mahler forneceram-lhe sólido material de apoio para suas formulações descritivas e fenomenológicas.

Summary

In this paper there are some reflections on object relations, according to the Ego Psychology perspective, presented here as an integration of formulations of Jacobson and Mahler, who contributed significantly for the preparation of a psychoanalytical psychology of the development in childhood.

Referências

- BLANCK, G. & BLANCK, R. (1983). *Psicologia do Ego: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GREENBERG, J. R. & MITCHELL S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- HARTMANN, H. (1968). *A psicologia do ego e o problema da adaptação*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular.
- HARTMANN, H.; KRIS, E. & LOEWENSTEIN, R. M. (1962). Notes on Superego in Psychoanalytic Study of the Child, vol. 17.
- JACOBSON, E. (1969). El self (sí mismo) y el mundo objetal. Buenos Aires: Editorial Beta.
- KERNBERG, O. (1989). *Mundo interior e realidade exterior*. Rio de Janeiro: Imago.
- MAHLER, M. et alii. (1977). *O nascimento psicológico da criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MAHLER, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MOORE, B. E. e FINE, B. D. (1992). *Termos e conceitos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Ida Loschpe Gus
Rua Luiz Manoel Gonzaga, 721
90470-280 - Porto Alegre - R S
Fone: 51 - 3334-4701

© Revista de Psicanálise - SPPA

* Versão ampliada de trabalho apresentado no Instituto de Psicanálise da SPPA - 1994.

** Candidata do Instituto de Psicanálise da SPPA.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)